



LINHA DO TEMPO DA ALIMENTAÇÃO – DA ROÇA AO FAST-FOOD: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR

Lívia Victória Warol Carneiro ¹
Cláudia Aparecida da Silva Nascimento ²
Arthur dos Santos ³
Janete Oliveira ⁴

RESUMO

A oficina “Linha do Tempo da Alimentação – Da Roça ao Fast-Food”, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como produção didático-pedagógica, objetivou promover reflexões críticas sobre os hábitos alimentares ao longo da história, correlacionando-os com as transformações culturais, econômicas e territoriais. A atividade buscou despertar nos participantes a consciência da alimentação como expressão de processos históricos, sociais e políticos, problematizando os impactos da globalização e da indústria alimentícia. Fundamentada em referenciais que discutem a colonização do paladar e a alimentação como resistência, a proposta articulou conceitos de geografia cultural, história, sociologia, educação alimentar e saúde pública. A metodologia, participativa e interdisciplinar, estruturou-se em cinco etapas principais: dinâmica de aquecimento e explanação teórica inicial; construção colaborativa de uma linha do tempo com cinco períodos históricos-chave, desde a Alimentação Indígena Pré-Colonial até a Globalização e Fast Food; debate sobre as implicações das mudanças alimentares e reflexão sobre alternativas sustentáveis; e o encerramento com a elaboração de um mapa da Geografia Cultural e dos Alimentos do Brasil. Foram utilizados recursos simples, como cartolinas, imagens impressas e projetor multimídia. A avaliação formativa, baseada na participação e no envolvimento dos alunos, revelou alto nível de engajamento e interesse, demonstrando a compreensão dos estudantes sobre a relação entre alimentação, globalização e identidade cultural. As discussões destacaram a valorização das práticas alimentares tradicionais, a relevância de políticas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e a importância de movimentos de resistência como feiras agroecológicas e agricultura familiar. A experiência evidenciou a potência da geografia para integrar diferentes áreas do conhecimento e fomentar práticas pedagógicas que aproximem teoria e cotidiano, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social. Conclui-se que cada escolha alimentar é também uma escolha política.

Palavras-chave: Alimentação, Geografia cultural, Globalização, Práticas pedagógicas, PIBID.

INTRODUÇÃO

1 Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, livia.victoria@ufv.br;

2 Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa- UFV, claudia.aparecida@ufv.br;

3 Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, arthur.s.araujo@ufv.br;

4 Doutor pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, janete.oliveira@ufv.br;





A alimentação, mais do que uma necessidade biológica, constitui uma expressão fundamental de processos históricos, sociais e políticos. Ao longo da trajetória humana, os hábitos alimentares têm se reconfigurado em intrínseca correlação com as transformações culturais, econômicas e territoriais. Na modernidade tardia, com o avanço ininterrupto da globalização e a consolidação da indústria alimentícia, observa-se uma "crise de identidade" e um "descentramento" do sujeito, conforme abordado por Stuart Hall (2010), que também se manifestam nas escolhas e significados atribuídos à comida. A linguagem, os signos e as imagens são os meios pelos quais "damos sentido" às coisas, e o significado, longe de ser fixo, "flutua", tornando a representação uma prática complexa e ambígua. Nesse cenário, conceitos como a "colonização do paladar", ou a imposição de um "regime de representação" que molda nossos desejos e consumos, e a alimentação como forma de resistência emergem como eixos teóricos cruciais para a compreensão das complexas dinâmicas que envolvem os sistemas alimentares. A globalização e as interconexões sociais que ela estabelece cobrem o globo, alterando características íntimas da existência cotidiana. Contudo, ao mesmo tempo em que a globalização promove a homogeneização cultural, há também um "reforçamento das identidades locais" e um "novo interesse pelo 'local'".

Este trabalho apresenta a oficina "Linha do Tempo da Alimentação – Da Roça ao Fast-Food", uma produção didático-pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A relevância deste estudo reside na urgência de se promover reflexões críticas sobre os hábitos alimentares contemporâneos e suas raízes históricas. A proposta busca despertar nos participantes a consciência de que a alimentação é um campo de disputa e de produção de identidades, constantemente tensionado por forças globais e locais, e que as escolhas alimentares são, em última instância, escolhas políticas. Compreender a relação entre alimentação, globalização e identidade cultural é fundamental para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social.

O objetivo geral deste artigo é apresentar e analisar a proposta didática da oficina "Linha do Tempo da Alimentação – Da Roça ao Fast-Food" como um instrumento para promover reflexões críticas sobre os hábitos alimentares ao longo da história. Para tanto, os objetivos específicos incluem: (a) correlacionar as transformações culturais, econômicas e territoriais com a evolução dos hábitos alimentares no Brasil; (b) problematizar os impactos da globalização e da indústria alimentícia na cultura alimentar; e (c) destacar a importância da





valorização das práticas alimentares tradicionais e das políticas de resistência no contexto da geografia cultural e dos alimentos.

Em termos metodológicos, a oficina empregou uma abordagem participativa e interdisciplinar. Sua estrutura se desdobrou em cinco etapas principais: uma dinâmica de aquecimento e explanação teórica inicial; a construção colaborativa de uma linha do tempo abrangendo cinco períodos históricos-chave, desde a Alimentação Indígena Pré-Colonial até a Globalização e Fast Food; um debate aprofundado sobre as implicações das mudanças alimentares e a reflexão sobre alternativas sustentáveis; e o encerramento com a elaboração de um mapa da Geografia Cultural e dos Alimentos do Brasil. Foram utilizados recursos didáticos simples, como cartolinas, imagens impressas e projetor multimídia, facilitando o engajamento dos participantes. A fundamentação teórica pautou-se em referenciais que discutem a colonização do paladar, a alimentação como resistência, a geografia cultural, a história, a sociologia, a educação alimentar e a saúde pública.

Os resultados da avaliação formativa, baseada na participação e no envolvimento dos alunos, evidenciaram um alto nível de engajamento e interesse, demonstrando a compreensão dos estudantes sobre a complexa relação entre alimentação, globalização e identidade cultural. As discussões geradas a partir da oficina destacaram a valorização de práticas alimentares tradicionais, a relevância de políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e a importância de movimentos de resistência, como as feiras agroecológicas e a agricultura familiar.

Em síntese, a experiência da oficina "Linha do Tempo da Alimentação – Da Roça ao Fast-Food" evidenciou a potência da geografia para integrar diferentes áreas do conhecimento e fomentar práticas pedagógicas que aproximem teoria e cotidiano, contribuindo significativamente para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social. Conclui-se que, ao examinar a alimentação através de uma linha do tempo crítica, revela-se que cada escolha alimentar é, também, uma escolha política.

METODOLOGIA





A presente pesquisa, de natureza didático-pedagógica, empregou uma abordagem participativa e interdisciplinar, alinhada aos objetivos de promoção da reflexão crítica e do engajamento dos estudantes. A metodologia foi estruturada para a realização de uma oficina denominada "Linha do Tempo da Alimentação – Da Roça ao Fast-Food", desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Os caminhos metodológicos da oficina desdobraram-se em cinco etapas principais:

- 1. Dinâmica de aquecimento e explanação teórica inicial:** Esta fase visou introduzir o tema da alimentação e suas relações com os processos históricos, sociais e políticos, preparando os participantes para a atividade principal.
- 2. Construção colaborativa de uma linha do tempo:** Nesta etapa central, os participantes foram engajados na elaboração conjunta de uma linha do tempo. Foram abordados cinco períodos históricos-chave, que se estenderam desde a Alimentação Indígena Pré-Colonial até a Globalização e Fast-Food. Esta construção permitiu correlacionar as transformações culturais, econômicas e territoriais com a evolução dos hábitos alimentares.
- 3. Debate aprofundado:** Após a construção da linha do tempo, foi fomentado um debate sobre as implicações das mudanças alimentares observadas e uma reflexão sobre alternativas sustentáveis para os sistemas alimentares.
- 4. Elaboração de um mapa da Geografia Cultural e dos Alimentos do Brasil:** Como etapa de encerramento, os participantes foram orientados a criar um mapa, que consolidou os conhecimentos adquiridos e as reflexões sobre a geografia cultural e dos alimentos no contexto brasileiro.

Para a coleta e sistematização dos dados e o apoio à dinâmica, foram utilizadas ferramentas e instrumentos simples, mas eficazes:

- **Cartolinas:** Para a construção visual e colaborativa da linha do tempo e do mapa.
- **Imagens impressas:** Utilizadas como recursos visuais para ilustrar os diferentes períodos e conceitos abordados.
- **Projektor multimídia:** Empregado para a explanação teórica inicial e para a apresentação de materiais complementares.
- A avaliação da oficina foi de caráter formativo, baseada na observação da participação e do envolvimento dos alunos, que revelou alto nível de engajamento e interesse,





demonstrando a compreensão dos estudantes sobre a complexa relação entre alimentação, globalização e identidade cultural.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho, ao propor uma análise didático-pedagógica da alimentação ao longo da história, fundamenta-se em um arcabouço teórico que converge das discussões sobre cultura, identidade e representação de Stuart Hall, passando pela geografia cultural dos alimentos e pela crítica às transformações socioeconômicas no meio rural. Este referencial busca situar o leitor na linha de raciocínio que articula a alimentação como uma construção social e cultural, intrinsecamente ligada aos processos de globalização e à emergência de movimentos de resistência e valorização do local.

Alimentação como Expressão Cultural, Histórica e Territorial

A alimentação transcende sua dimensão biológica, configurando-se como uma manifestação essencial de processos históricos, sociais e políticos. Ao longo da história humana, os hábitos alimentares foram moldados em correlação com as transformações culturais, econômicas e territoriais. A cultura, nesse sentido, atua como mediação entre os seres humanos e a natureza, onde técnicas, hábitos e costumes são desenvolvidos para o uso dos recursos naturais disponíveis (LA BLACHE, 1911, *apud* SILVA; SANTOS, 2023, p. 3).

A relação entre sociedade, cultura, território e alimentação é um campo fértil para a compreensão das dinâmicas que envolvem a produção e o consumo de alimentos. O território é compreendido como um espaço delimitado e integrado, que abrange não apenas aspectos físicos e econômicos, mas também a densidade sociocultural da população local. Ele é o receptáculo da memória coletiva e uma referência identitária forte, onde lugares, trajetos, símbolos e estruturas materiais marcam o cotidiano e a história de indivíduos e comunidades. Desse modo, o espaço geográfico só pode ser plenamente compreendido ao se analisar o papel dos alimentos na produção do espaço e da cultura.

A compreensão de que cada escolha alimentar é também uma escolha política sublinha a relevância de se investigar como a alimentação reflete e, por sua vez, molda as relações de poder e as identidades sociais. Culturas alimentares tradicionais, como as práticas indígenas de produção, processamento e armazenamento de alimentos, representam sistemas complexos de conhecimentos tradicionais, manejo da floresta e segurança alimentar ancestral. Esses





sistemas são testemunhos da profunda relação dos povos indígenas com a biodiversidade, contrastando com as lógicas de produção e consumo impostas por modelos hegemônicos.

Modernidade Tardia, Globalização e o Descentramento da Identidade Alimentar

Na modernidade tardia, observa-se uma profunda transformação que abala os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Stuart Hall (2010) discute essa "crise de identidade" e o "descentramento do sujeito", apontando para como a concepção de sujeito e identidade se tornou mais complexa, passando do sujeito iluminista ao sujeito sociológico e, finalmente, ao sujeito pós-moderno. Essa reconfiguração é intrinsecamente ligada ao processo de globalização, que Hall descreve como um "abalar ininterrupto de todas as condições sociais", onde as identidades se tornam "desalojadas" de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo "flutuar livremente".

As culturas nacionais, historicamente vistas como "comunidades imaginadas" e fontes de significados para identidades culturais modernas, têm sua unificação e homogeneidade questionadas. O discurso da cultura nacional constrói identidades de forma ambígua, equilibrando passado e futuro, e é permeado por narrativas, mitos fundacionais e "invenções da tradição". No entanto, a globalização não é um fenômeno recente, e as aspirações do capital sempre transcenderam fronteiras nacionais. Hoje, com a mediação da vida social pelo mercado global de estilos e imagens, surge uma tensão entre a homogeneização cultural global e um novo interesse pelo "local" e pela "diferença".

No contexto da alimentação, André Azoury Vargas (2021) analisa as transformações dos hábitos alimentares no Brasil, relacionando-as com os processos de modernização da agricultura, a expansão da indústria alimentícia e a mundialização dos sistemas alimentares. Esses processos geram impactos significativos sobre os territórios e os modos de vida, resultando em uma "colonização do paladar", onde a indústria alimentícia e o agronegócio impõem novas formas de consumo e alteram os sistemas alimentares tradicionais.

Representação, Linguagem e a Construção do Significado Alimentar

A representação é uma das práticas centrais que produzem a cultura e o significado, sendo um "momento-chave" no "circuito da cultura". Stuart Hall (2016) enfatiza que a linguagem, signos e imagens são os meios pelos quais "damos sentido" às coisas. O sentido não é inerente aos objetos do mundo, mas é construído e produzido através de práticas significantes, sendo inerentemente instável e sujeito a múltiplas interpretações.





Hall adota a abordagem construtivista da representação, influenciada por Ferdinand de Saussure, que destaca a natureza arbitrária do signo (significante e significado) e a língua como um sistema social. O significado é relacional, dependendo da diferença entre os signos para existir. Essa "liberação" do sentido da fixidez permite o "constante jogo de deslizamento do sentido, para a constante produção de novos sentidos, novas interpretações". A interpretação é, portanto, essencial, tornando o leitor tão importante quanto o escritor na produção de sentido.

Roland Barthes, seguindo Saussure, aplicou a semiótica à cultura popular, tratando objetos e atividades como signos para analisar como o sentido é comunicado. Ele distinguiu denotação (nível descritivo) e conotação (integração dos signos a contextos culturais e ideológicos). O "mito", para Barthes, é um sistema semiológico de segunda ordem, onde um signo completo (denotado) se torna um significante para um significado mais amplo e ideológico, como no exemplo do anúncio da Panzani e a "italianidade". Essa análise é fundamental para entender como a indústria alimentícia utiliza imagens e discursos para construir "mitos" sobre alimentos, influenciando o paladar e as identidades culturais.

Alimentação como Resistência e a Geografia dos Alimentos

Apesar da força dos discursos dominantes e da estereotipagem, Hall (2016) defende que o significado nunca pode ser completamente fixado, o que permite a possibilidade de contraestratégias e a transcodificação de novos sentidos. Isso abre espaço para que a alimentação se torne um campo de resistência.

A geografia dos alimentos atua na análise tanto dos desafios impostos pela globalização quanto das formas de resistência que emergem em diferentes territórios. Nesse contexto, movimentos e práticas que valorizam a soberania alimentar e a agroecologia ganham destaque. Os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC) e as feiras agroecológicas são exemplos de estratégias que promovem a valorização da economia local, a conexão direta entre produtores e consumidores, e a preservação de saberes tradicionais, contrapondo-se à lógica do agronegócio e da alimentação industrializada.

A persistência do campesinato e da agricultura familiar no Brasil, mesmo diante da expansão do capital, é um tema central nas obras de Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2009) e Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2014). Eles argumentam que, contrariamente às previsões de seu desaparecimento, o campesinato continua em expansão e resistência,





reafirmando sua importância social e política. Wanderley (2009) critica o termo "agricultura familiar" como uma criação do neoliberalismo, que, embora assumida por muitos agricultores, por vezes obscurece a rica história camponesa de luta por autonomia e controle sobre o trabalho e a terra. A luta pela terra e a reivindicação do controle dos frutos do trabalho são características que unem os trabalhadores rurais, mesmo em contextos de proletarização. A autonomia do produtor familiar e sua capacidade de adaptação e resistência frente às imposições do mercado são elementos cruciais para a compreensão da "roça" no contexto do artigo.

Políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), ao promoverem a aquisição de alimentos da agricultura familiar, representam um importante instrumento de resistência, fortalecendo os sistemas alimentares locais e contribuindo para a segurança e soberania alimentar.

Em suma, o referencial teórico estabelece as bases para analisar a oficina "Linha do Tempo da Alimentação" como uma proposta didática que permite aos estudantes compreenderem as complexas interações entre cultura, poder, globalização e alimentação, capacitando-os a uma reflexão crítica sobre seus próprios hábitos e o papel de suas escolhas no mundo contemporâneo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina "Linha do Tempo da Alimentação – Da Roça ao Fast-Food" foi uma produção didático-pedagógica que esquematizou a evolução dos hábitos alimentares, promovendo uma análise crítica de suas transformações culturais, econômicas e territoriais. Os resultados empíricos, observados através da participação e do envolvimento dos alunos, demonstraram um alto nível de engajamento e interesse, indicando a compreensão dos estudantes sobre a complexa relação entre alimentação, globalização e identidade cultural.

Esquematização dos Dados e Achados Empíricos

A estrutura da oficina, dividida em cinco etapas principais, desde a explanação teórica até a elaboração do mapa da Geografia Cultural e dos Alimentos do Brasil, permitiu uma sistematização eficaz dos achados. As principais categorias analíticas e achados empíricos foram:





- **Compreensão Histórica da Alimentação:** Os alunos demonstraram a capacidade de correlacionar os hábitos alimentares com os diferentes períodos históricos abordados (Alimentação Indígena Pré-Colonial, Roça, Globalização e Fast Food). Isso evidenciou a alimentação não apenas como uma necessidade biológica, mas como uma expressão de processos históricos, sociais e políticos.
- **Percepção dos Impactos da Globalização e Indústria Alimentícia:** Os participantes identificaram e problematizaram as influências da globalização e da indústria alimentícia nos sistemas alimentares locais. As discussões revelaram a compreensão dos alunos sobre fenômenos como a "colonização do paladar" e o avanço do agronegócio.
- **Valorização de Práticas Tradicionais e Resistência:** Houve um notável reconhecimento e valorização das práticas alimentares tradicionais, da agricultura familiar e dos movimentos de resistência. Exemplos discutidos incluíram a importância do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e das feiras agroecológicas.
- **Formação de Pensamento Crítico:** A metodologia participativa promoveu a reflexão crítica sobre as escolhas alimentares, consolidando a ideia de que "cada escolha alimentar é também uma escolha política".
- **Construção de Conhecimento Geográfico:** A elaboração de uma linha do tempo e um mapa da Geografia Cultural e dos Alimentos do Brasil consolidou a potência da geografia para integrar diferentes áreas do conhecimento e aproximar teoria e cotidiano.

Discussões e Análises

Os resultados obtidos na oficina corroboram as bases teóricas que fundamentam este trabalho, especialmente no que se refere à natureza fluida e contestada da identidade na modernidade tardia e o papel da representação na construção de significados. Stuart Hall (2010) argumenta que a globalização leva a um "descentramento" do sujeito e ao "desalojamento" das identidades de tempos e lugares específicos, fazendo-as "flutuar livremente". Essa fluidez se manifesta diretamente nos hábitos alimentares, onde a tradição da "roça" (comida local, artesanal) colide com a padronização do "fast-food" (comida globalizada, industrializada). A oficina permitiu aos alunos perceberem essa tensão dialética entre a homogeneização cultural global e o "reforçamento das identidades locais" e o "novo interesse pelo 'local'".





A "colonização do paladar", conceito que embasou parte da proposta, pode ser interpretada à luz da teoria da representação de Hall (2016). A indústria alimentícia, por meio de imagens e discursos midiáticos, cria um "regime de representação" que busca fixar significados sobre o que é "moderno" ou "conveniente", muitas vezes estereotipando e marginalizando práticas alimentares tradicionais. Essa estereotipagem reduz e essencializa a diferença, desvalorizando saberes e práticas locais. A oficina, ao resgatar a história da alimentação, atua como uma contraestratégia a esse regime, "transcodificando" novos significados e questionando narrativas dominantes. O "jogo" constante de deslizamento de sentido, onde o significado nunca é fixado, abre espaço para que os alunos, como "leitores" ativos, interpretem e contestem os sentidos implícitos nas representações midiáticas sobre alimentos.

As discussões sobre a importância da agricultura familiar e dos movimentos agroecológicos dialogam com as análises de Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2009) e Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2014) sobre a persistência e resistência do campesinato. A defesa da "soberania alimentar" em detrimento da "segurança alimentar", levantada na oficina, alinha-se à crítica de que o agronegócio, impulsionado por um "latifúndio minero-exportador" e "formações predatórias", produz *commodities* em vez de comida para as populações. A reconcentração da propriedade da terra e as "expulsões" geradas por grandes projetos de desenvolvimento no meio rural criam um contexto de fragilização dos sistemas alimentares locais, tornando a valorização das pequenas produções e do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) – que adquire alimentos da agricultura familiar – atos de resistência política e cultural.

A oficina, ao centralizar o sujeito como protagonista na reflexão crítica, alinha-se à proposta de Camila Araújo dos Santos (2023) sobre o combate à desinformação por meio dos Estudos Culturais de Stuart Hall e da Competência em Informação e Mídia. As "ações contundentes no combate à desinformação" são necessárias porque "estruturas de poder embatem uma luta para se apropriarem das representações socioculturais simbólicas dos sujeitos". A "linha do tempo" incentivou os alunos a fazerem um "interrogatório" sobre a origem, intenção e influência dos discursos sobre alimentação, compreendendo "quem ganha e quem perde" com as informações veiculadas. Isso desenvolve a "criticidade do 'eu' com e



para o mundo", fundamental para a participação democrática e o respeito ao multiculturalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina "Linha do Tempo da Alimentação – Da Roça ao Fast-Food" demonstrou que a alimentação é um campo complexo de interações culturais, sociais, econômicas e políticas. As principais conclusões da pesquisa reafirmam que as escolhas alimentares estão intrinsecamente ligadas à identidade cultural, aos processos de globalização e às relações de poder, e que, portanto, cada escolha alimentar é também uma escolha política. A experiência evidenciou a capacidade dos alunos de desenvolver um olhar crítico sobre as transformações dos hábitos alimentares e de valorizar as práticas que promovem a soberania e a justiça alimentar.

A aplicação empírica desta proposta didática para a comunidade científica é multifacetada. A oficina oferece um modelo replicável e adaptável para a educação geográfica, capaz de promover a interdisciplinaridade e a formação de sujeitos críticos desde o ensino básico. Este trabalho contribui para o campo dos estudos culturais e da geografia dos alimentos ao apresentar uma estratégia pedagógica eficaz para abordar temas complexos como globalização, identidade e resistência, articulando teoria e prática. Pode servir como base para a elaboração de materiais didáticos que estimulem a reflexão crítica sobre o consumo e as cadeias de produção alimentar, fortalecendo a consciência socioambiental dos estudantes.

No que tange à necessidade de novas pesquisas, sugere-se a realização de estudos longitudinais para avaliar o impacto a longo prazo de propostas didáticas como esta nas escolhas alimentares e no engajamento cívico dos estudantes. Há também uma abertura para explorar a adaptação desta metodologia a outras dimensões da "cultura material" (vestuário, moradia, etc.), onde as tensões entre o global e o local, e os regimes de representação, igualmente moldam identidades e práticas. Aprofundar a investigação sobre a eficácia de "contraestratégias" pedagógicas no combate à "colonização do paladar" e à desinformação sobre alimentos é outro caminho promissor.

Em diálogo com as análises referidas no resumo, o presente trabalho reforça a potência da geografia para integrar diferentes áreas do conhecimento e fomentar práticas pedagógicas





que aproximem teoria e cotidiano. A reflexão sobre a alimentação como território, cultura e resistência é crucial para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social, especialmente diante de um cenário global de "compressão de nossos mundos espaciais e temporais" e de "descentramento" das identidades. A oficina concretizou a necessidade de operar ações contundentes no combate à desinformação, reconhecendo a disputa por representações socioculturais simbólicas.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2010.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Entrevista com o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Entrevistado por Thiago Sebastião de Melo. **Revista Estudos Geográficos**, Rio Claro, 2014.

SANTOS, Camila Araújo dos. Combate à desinformação e o protagonismo social do sujeito: inter-relação entre os estudos culturais de Stuart Hall e a competência em informação e em mídia. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 28, Dossiê Especial, e92988, 2023.

SILVA, Késia Torres da; SANTOS, Altair Sancho Pivoto dos. Geografia dos Alimentos: Saberes, Cultura e Territorialidade. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). **Anais do Congresso Brasileiro de Geógrafos**. [S. l.]: AGB, 2023.

VARGAS, André Azoury. **Território e alimentação: estudo de caso da Comunidade Indígena de Areal e Santa Maria – Rio Doce (Linhares-ES)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

